

## VALTER ROSA BORGES: UMA INCURSÃO NO PARANORMAL

A FUNCEP (Fundação Cultural do Estado da Paraíba), em colaboração com a Universidade Federal da Paraíba, estará promovendo um curso de parapsicologia e fenômenos paranormais nos dias 15, 16 e 17 do corrente mês, no auditório da Reitoria. O conferencista é o Professor Valter da Rosa Borges, diretor do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas e produtor e diretor do programa "O Grande Júri", da TV Universitária de Recife. Em janeiro de 1973, Rosa Borges foi eleito, pelo "Jornal de Letras", do Rio de Janeiro, ao lado de intelectuais como César Leal, Ariano Suassuna, Oswaldo Gonçalves Lima e Pessoa de Moraes, uma das personalidades da cultura de Pernambuco em 1972.

Durante mais de duas décadas, Valter Rosa Borges vem se dedicando ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais e já ministrou vários cursos de Parapsicologia, um dos quais na TV Universitária Canal 11.

Para Valter da Rosa Borges, fenômenos parapsíquicos são aqueles em que a ação paranormal é inteiramente psíquica. A ação paranormal, por sua vez, não resulta da vontade consciente do médium. Segundo Rosa Borges, na quase totalidade dos casos, ele revela uma intencionalidade e uma capacidade operacional além das possibilidades humanas normais.

E como Valter da Rosa Borges definiria o médium?

Valter da Rosa Borges: Alguns parapsicólogos admitem que todo médium é impressionável, o que não importa na recíproca de que toda pessoa impressionável seja médium. Os grandes médiuns são raros. São como os gênios que aparecem, esporadicamente, na história da Humanidade. Por isso Robert Tocquet admitiu que "o aparecimento dos grandes Médiuns se acha submetido a uma espécie de ritmo, provavelmente suscitado ele próprio por ciclos terrestres e cósmicos."

Há duas espécies de médiuns, o consciente e o inconsciente. O consciente é aquele que permanece em aparente vigília, por ocasião dos fenômenos, podendo, em certas circunstâncias, produzir, voluntariamente alguns deles. Já o médium inconsciente é aquele que fica despojado de sua consciência por ocasião dos fenômenos, não guardando, ao retornar ao estado vígil, a mínima lembrança do acontecido.

E o que seria a psi para Valter da Rosa Borges?

V. R. B.: Justamente uma intencionalidade e uma capacidade operacional além das possibilidades humanas normais. A ação psi pode ocorrer, estando o seu possível agente ou o percipiente: em aparente vigília; em sonho; em transe; em iminente perigo de vida; em extrema debilidade orgânica; sob indução psicométrica. Ao mesmo tempo, podemos destacar na Psi as seguintes características: a) Instabilidade. Ela apresenta variações segundo os dias, os ambientes e os experimentadores; b) Incontrolabilidade. A Psi não está sujeita à vontade consciente do médium e, mesmo nas raras ocasiões em que isto ocorre, é impossível saber-se até que ponto aquela vontade ocasionou a produção de um fenômeno Psi; c) Independência de sexo, idade, etnia e inteligência. A experiência tem demonstrado que a Psi não é privilégio de um tipo especial de pessoa; d) Insusceptibilidade de aprendizado. Nada sugere, a rigor, que a Psi seja passível de aprendizagem, embora Rhine acalente essa possibilidade.

Duas hipóteses procuram explicar a natureza da Psi, a organicista e a espiritualista. A quase totalidade dos parapsicólogos é de opinião que a Psi é de natureza biológica. Allan Kardec já admitia que "a faculdade mediúnica é uma propriedade do organismo e não depende das qualidades morais do médium". A experiência tem sugerido que a Psi é de natureza orgânica, pois o emprego de certas substâncias parece estimulá-la ou inibi-la.

Constatou-se, também, que o estado de saúde do médium influi, decisivamente, na sua manifestação. Este, quando enfermo, não produz, geralmente, qualquer fenômeno, ou, se o consegue, é sempre de maneira insatisfatória.

E haveria alguma dependência, no fenômeno Psi, em relação a fatores meteorológicos e geográficos?

V. R. B.: Alguns experimentos sugerem que a Psi depende de fatores meteorológicos e geográficos. Os parapsicólogos soviéticos observaram que o poder Psi-Kapa de Nelya Mikhailova depende das condições atmosféricas, declinando quando o tempo se enfarruscava. Afir-mam que a estática cósmica influi, poderosamente, sobre a ESP.

O Dr. Ravitz anotou que a ação do Sol e da Lua influi no campo de força do corpo e o Dr. Sergejev pretende que a ocasião mais favorável para a PK ocorra durante os distúrbios magnéticos da Terra, causadas pelas atividades das manchas solares.

Já o sensitivo Horace Leaf observou que a sua clarividência era melhor em certos pontos dos Estados Unidos do que em qualquer outro lugar em que estivera, atribuindo tal fato à grande quantidade de eletricidade estática, existente na atmosfera. Dizia ele que costumava sentir seu corpo tão carregado de eletricidade a cada duas horas que, se introduzisse uma chave na fechadura, sentiria um choque elétrico e veria saltar uma fagulha.

E a fraude, há fraude nessas experiências?

V. R. B.: A fraude é o cavalo de batalha daqueles que negam, totalmente, os fenômenos paranormais, ou que apenas admitem os que mais lhes convêm e se ajustam melhor aos seus preconceitos filosóficos e/ou científicos.

Na verdade, as fraudes são mais alegadas do que provadas. Para os negadores sistemáticos, basta a suposição de que um médium poderia ter escamoteado um determinado fenômeno desta ou daquela maneira, mesmo à mingua do menor indicio que autorize tal hipótese, para que a "prova" da fraude fique indiscutivelmente estabelecida.

Não há negar: médiuns famosos fraudaram. Porém, nem todos fraudaram. E os que fraudaram, nem sempre o fizeram todas as vezes, pois se fraudassem sempre, não seriam médiuns.

Já advertia Ochorowicz que o inconsciente é amoral e inteiramente fisiológico. Ele obedece às sugestões ou ordens recebidas - mesmo telepaticamente - e se utiliza de todos os meios para lhes dar cumprimento. Tal comportamento do sensitivo, sob a ação do seu inconsciente, é interpretado por pesquisadores neófitos ou inábeis como evidência de fraude.

Tinha razão Gustave Geley, quando asseverou que a fraude inconsciente não é fraude, pois, em estado de transe, o sensitivo é suscetível de aceder, automaticamente, às sugestões verbais ou mentais dos pesquisadores.

Allan Kardec, a respeito, fez uma 'Observação judiciosa: "Existem, sem dúvida, prestidigitadores de prodigiosa habilidade, mas são raros. Se todos os médiuns praticassem escamoteação, forçoso seria reconhecer que esta arte fez, em pouco tempo, inauditos progressos e se tornou de súbito vulgaríssima, apresentando-se inata em pessoa que dela nem suspeitavam e, até, em crianças."

E o clarividente?

O clarividente vê determinadas pessoas, mas não é visto por elas. É a regra geral. Emmanuel Swedenborg descreveu, certa feita, estando em Gotemburgo, um incêndio que, naquela ocasião, lavrava Sodermal, Estocolmo, com impressionante riqueza de detalhes. Outra vez, quando participava de uma recepção em Amsterdã, anunciou a morte, naquele momento, do czar Pedro III, na Rússia.

O prof. Hornell Hart, no Congresso de Utrecht, apresentou nove casos comprovados desta modalidade de clarividência. também conhecida pelos nomes de projeção extrassensorial e projeção astral ou do corpo astral.

O clarividente, às vezes, vê determinadas pessoas e é visto por uma ou por todas elas. Nesse caso, o clarividente é visto como uma aparição para terceiros. Um dos casos mais célebres é o de Santo Antônio de Pádua que, certa vez, foi visto, simultaneamente, nas cidades de Pádua e de Lisboa. Há também a clarividência no sonho como aconteceu a Goethe. Voltava ele de um passeio, em companhia de seu amigo Klemm, quando viu, a sua frente, uma aparição. Pareceu-lhe ser o seu amigo Friedrich Rochlitz, o qual, estranhamente, vestia o robe e calçava as pantufas do poeta.

Naquela mesma ocasião, em casa de Goethe, seu amigo Rochlitz dormia profundamente, usando o robe e as pantufas do poeta e sonhando o encontro com este na estrada de Belvedere. Rochlitz, que fora visitar Goethe, apanhara um forte aguaceiro e se viu na contingência de trocar suas roupas e sapatos molhados pelo robe e as pantufas de seu amigo. Adormeceu numa poltrona; enquanto esperava o retorno de Goethe. Este, ao chegar em casa, encontrou Rochlitz dormindo e tudo, afinal, ficou esclarecido.

E a precognição?

V. R. B.: É o conhecimento paranormal do futuro. Daí, a necessidade de se estabelecer a distinção entre previsão e precognição. Previsão é processo consciente e resulta da avaliação, por indução ou dedução, de um determinado conjunto de dados, numa situação específica, culminando em eventos racionalmente esperados. Precognição, por sua vez, é elaboração inconsciente, culminando em eventos racionalmente imprevisíveis. O evento precognitivo pode ser anunciado por pessoa viva e ou por pessoa morta.

No que tange ao anúncio precognitivo em relação à pessoa que o anuncia, os casos são inúmeros. Exemplos?

O Dr. Alphonse Teste conta que a Sra. Hortence M., em transe, afirmou que estava grávida de 15 dias, mas que, por causa de um susto, levaria uma queda e, em consequência, abortaria. Disse, ainda, que, como seqüela do acidente, ficaria bastante doente durante três dias, relatando todos os pormenores de sua futura enfermidade.

Apesar de todas as medidas tomadas para se evitar o evento anunciado, tudo se realizou conforme o predito.

Também os anúncios precognitivos em relação a terceiros, são frequentes.

A Sra. Lenormand, por processos quiromânticos, relatou, detalhadamente, a vida de um seu cliente, desde aquele instante até a sua morte, aos 26 anos.

Liébault tentou, em vão, remover, por hipnose, da mente do referido senhor, aquela predição que o deixara profundamente impressionado.

Outro sonâmbulo, conhecedor do caso, tentou auxiliar o paciente da Sra. Lenormand, fazendo uma contra sugestão e afirmando que ele só morreria dentro de quarenta e um anos.

Tudo, porém, se passou conforme a predição da quiromante.

E o anúncio precognitivo por pessoa morta?

V. R. B.: Pode se referir à pessoa a quem foi anunciado e a terceiros.

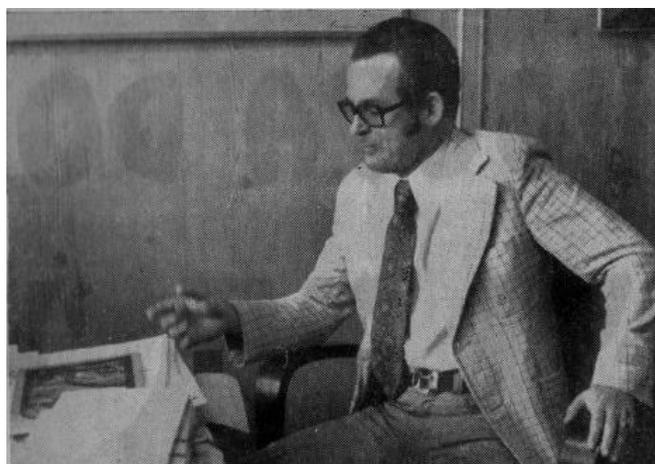
João Vitalis, um homem sadio, foi, subitamente, acometido por febre violenta e dores articulares.

A doença já durava cerca de duas semanas, quando, certa manhã, ele acordou disposto, sem os sintomas de enfermidade, e, serenamente, contou que, durante a noite, fora visitado pelo seu falecido pai, o qual, após aparentemente curá-lo, anunciou a sua morte para o dia seguinte, precisamente às nove horas da noite.

O médico, face ao estado de saúde do doente, não acreditou na predição, que, no entanto, se cumpriu com o falecimento de João Vitalis na hora predeterminada.

Tudo o que aqui foi dito encontra-se no livro "Introdução ao Paranormal," de Valter da Rosa Borges que, além de Promotor Público, é o presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas. Nos dias 15, 16, e 17, Rosa Borges estará no hall da Reitoria proferindo conferências sobre os fenômenos paranormais à convite da Funcep que, através do seu presidente. Bel. Hildebrando Assis, teve o mérito de trazê-lo à nossa Capital, iniciativa esta que teve o apoio também da Universidade Federal da Paraíba. Os interessados no curso deverão se inscrever na sede da Funcep, à Rua das Trincheiras, 619.

VALTER ROSA BORGES E A CIÊNCIA DO MISTÉRIO  
Jornal Universitário, da Universidade Federal de Pernambuco  
Outubro de 1976,



Há 20 anos, precisamente, um fenômeno estranho marcava a vida de um estudioso pernambucano, motivando-o definitivamente a palmilhar os caminhos da Parapsicologia: durante reunião doméstica, com pessoas de sua absoluta confiança, teve a oportunidade de examinar, minuciosamente, à claridade de uma lâmpada de luz vermelha, uma mão completamente materializada. Esta peça anatômica, surgida do nada, apertou-lhe a mão e, a seu pedido, suspendeu, a quase meio metro do solo, uma pesada mesa de jantar.

Trata-se de Valter da Rosa Borges, promotor público da Capital pernambucana, criador e apresentador do programa O Grande Júri, da Televisão Universitária Canal 11 e presidente do Instituto Pernambucano de Pesquisas Psicobiofísicas do Recife, que se destaca, atualmente, como um dos mais sérios estudiosos da Parapsicologia no Brasil, e que se apresenta marcado por uma concepção monística do Universo, de bases espiritualistas, não ortodoxas nem ligadas, portanto, aos grandes troncos religiosos vigentes tanto no Oriente como no Ocidente. Ele concedeu ao JORNAL UNIVERSITÁRIO a seguinte entrevista:

P. — Acha que a Parapsicologia, confinada como está a um modelo oficial das ciências, possa traduzir, para o seu próprio código, mensagens que escapam ao processo científico habitual?

R. — Se a Parapsicologia adotar unicamente, o método quantitativo-estatístico-matemático da escola norte-americana, não poderá investigar, adequadamente, todos os fenômenos da paranormalidade. É mister que o procedimento científico não amesquinhe o objeto da pesquisa, mas possua suficiente elasticidade conceitual e a necessária versatilidade experimental para lidar com a riqueza e a complexidade de tais fenômenos.

Não há, pois, de se cogitar de um método sui generis para a Parapsicologia, mas sim, da adoção deste ou daquele processo científico habitual, de conformidade com o tipo de fenômeno parapsicológico a ser pesquisado.

P. – No seu esforço como cientista dedicado ao estudo dos fenômenos parapsicológicos, a sua fé está centrada nos fenômenos enquanto tais ou na suposta capacidade da Parapsicologia para explicá-los?

R. — A minha fé está centrada numa cosmovisão monística do universo, onde os fenômenos paranormais se ajustam, operacionalmente, em seu nível específico.

Nem tudo a ciência pode provar e mesmo as provas científicas estão sujeitas a revisões e emendas. Aliás, o conhecimento científico não é dogmático, mas provisório. E muitas "provas científicas" nada mais são do que brilhantes hipóteses de trabalho.

A fé não depende do fato e nem todo fato merece fé, pois sempre é possível que a sua observação tenha sido insuficiente ou distorcida. A fé não se prova necessariamente com fatos, nem um conjunto de fatos, racionalmente ordenados, pode validar a fé. Porém, em determinadas situações, os fatos podem sugerir a procedência de um postulado filosófico ou religioso.

P. – Qual o lugar que ocupa a cosmovisão kardecista em sua explicação dos fenômenos ditos parapsicológicos?

R. – Kardec foi quem primeiro sistematizou a fenomenologia paranormal e a sua cosmovisão é ainda válida, em quase todos os aspectos, para um entendimento geral e unificado destes fenômenos. O que acontece é que as obras da codificação kardecista são mais elogiadas e criticadas do que lidas e meditadas. Tudo o que ele escreveu, com o bom senso que sempre o caracterizou, vem sendo repetido pelos parapsicólogos modernos, talvez com mais precisão, graças a uma nomenclatura e uma conceituação mais adequadas.

P. – Você encara a reencarnação como um dado tão filosófico quanto o da imortalidade?

R. – Não. A hipótese da reencarnação é passível de abordagem experimental, o que não ocorre com a da imortalidade. Ademais, não se deve confundir imortalidade com sobrevivência. É possível provar que o homem sobrevive, mas não que ele seja imortal. O próprio J. B. Rhine é um dos que reconhecem que os fenômenos paranormais sugerem fortemente a sobrevivência. Resta, porém, saber o que sobrevive do homem e como ele sobrevive. Por outro lado, os casos de memória extracerebral, notadamente em crianças, pesquisados pelo Prof. Ian Stevenson, reforçam, de maneira positiva, a hipótese palingenésica.

P. – Apesar da falta de indícios, nos termos da ciência oficial, em torno da reencarnação, acha, por isso, que a impossibilidade de confirmá-la elimine o problema filosófico colocado por ela?

R. – Mesmo que a reencarnação seja, um dia, provada cientificamente, não resolverá o problema filosófico de sua origem. Ampliará, isto sim, os horizontes conceptuais da realidade, exigindo uma nova reformulação dos postulados científicos e filosóficos e até mesmo um novo modelo para o Universo.

P. – Acha, ainda, que a reencarnação seja incompatível com o dogma cristão da ressurreição da carne?

R. – Depende da extensão do conceito de ressurreição da carne. Talvez a expressão menos conflitante fosse ressurreição na carne, pois o que ressurge é o espírito em novo corpo material. Porém, como a ressurreição só ocorrerá no Juízo Final, é evidente que este dogma é incompatível com a hipótese da reencarnação.

P. – Depois do seu recente livro "Introdução ao Paranormal", você pretende colocar, em alguma obra posterior, os fenômenos paranormais dentro de um âmbito filosófico?

R. – Possivelmente sim, tudo dependendo de circunstâncias favoráveis para a publicação dessa nova obra. Aliás, é meu intento escrever monografias sobre os temas já abordados, de maneira global e perfunctória, no "Introdução ao Paranormal".

P – Qual foi o fato primacial de sua vida, de conteúdo quer sentimental, quer religioso, que moveu o seu espírito na direção dos fenômenos metapsíquicos?

R. – O fato que influenciou, na decisão de dedicar-me ao estudo e à pesquisa dos fenômenos paranormais, ocorreu há cerca de vinte anos, quando, em reunião doméstica e com pessoas de minha absoluta confiança, tive a oportunidade de examinar, minuciosamente, à claridade de uma lâmpada de luz vermelha, uma mão materializada. Esta peça anatômica apertou vigorosamente a minha mão e, a meu pedido suspendeu, a quase meio metro do solo, uma pesada mesa de jantar.

P. – Existe alguma diferença filosófica na análise dos problemas paranormais entre a Metapsíquica e a Parapsicologia? Qual a definição mais abrangente para a explicação de tais fenômenos?

R. — A Metapsíquica se propôs a realizar o que a Parapsicologia, hoje, está fazendo: pesquisar à luz da metodologia científica, os fenômenos paranormais. Logo, não há qualquer diferença filosófica entre elas, porque não se constituem movimentos filosóficos, mas, sim, disciplinas científicas perseguindo os mesmos objetivos.

Por outro lado, se os fenômenos paranormais são, em sua maioria, produzidos por uma causa inteligente, a sua explicação mais abrangente seria a de que eles são operados pela mente em um nível funcional ainda desconhecido pelas ciências oficiais.

P. — Qual o papel que desempenha a religião na sua vida? E por que a religião, mesmo excluindo aspectos sentimentais, não se constitui num elemento fundamental para a análise dos fenômenos ditos parapsicológicos?

R. – Sou um religioso sem ser filiado a qualquer credo religioso. Religião, no meu entender, é o sentimento de unidade do homem com um Ser ou Sistema que lhe é infinitamente superior. É o amor incondicional ao Eterno Desconhecido e a busca infatigável de modelos, cada vez mais amplos, do existir. É a participação plena em todos os níveis possíveis do Ser. No momento em que o homem toma partido, ele se parte, se secciona e se enquista, desligando-se, quase que completamente, do próprio Todo. Ganhou uma religião, mas perdeu a religiosidade.

A religião, portanto, descerrando novos setores da realidade para o homem, pode servir de poderoso adjutório para a pesquisa e a compreensão dos fenômenos paranormais.